



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODEABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



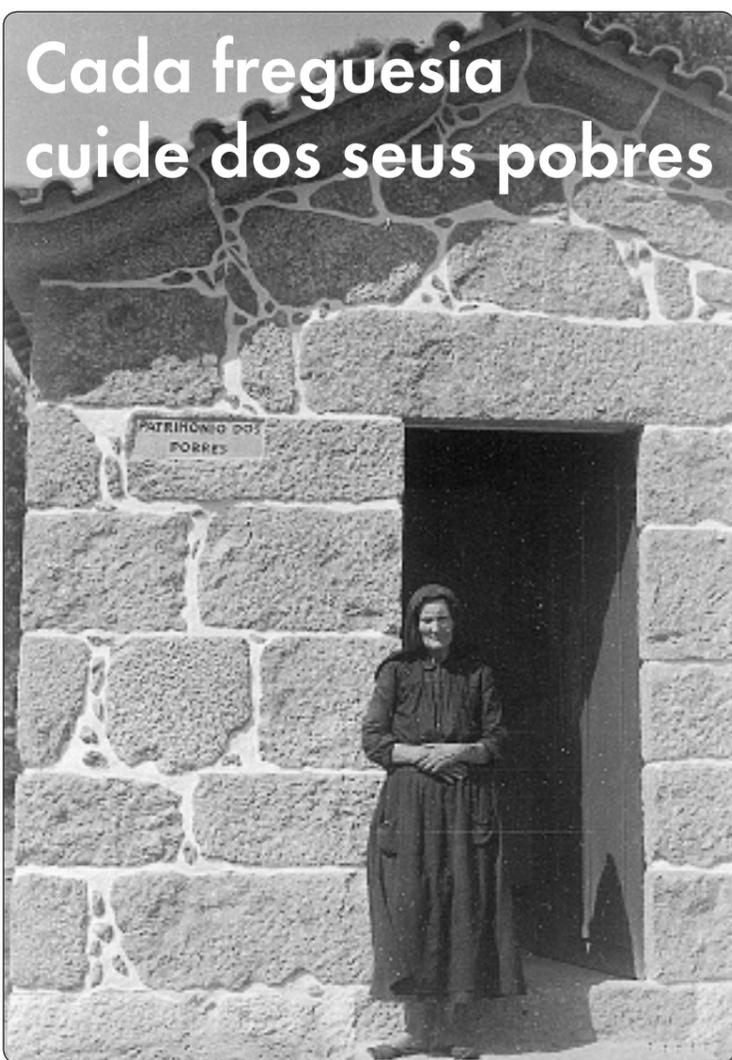
Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

24 de Abril de 2010 • Ano LXVII • N.º 1725
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Cada freguesia cuide dos seus pobres

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

DADO que a Casa do Gaiato me tem absorvido completamente, não tive tempo para atender a algumas aflições conhecidas.

As que vêm pelo correio ou por outras vias de comunicação mais rápidas, sempre que me é possível assegurar a sua veracidade, respondo, também com a prontidão possível.

A Casa do Gaiato, com os seus veículos e boa vontade dos Rapazes, oferece-me possibilidades de ser recoveiro dos pobres que noutras circunstâncias, dificilmente, encontraria.

São os móveis armazenados em garagens e nos sótãos. As camas e colchões, as casas para despejar e tantos outros valores, a faltar nas casas dos pobres e na do rico ou remediado, só a estorvar.

Este trabalho de recovagem, de ir buscar a uns para dar a outros, torna-nos reluzentes veículos de Bem e portadores da Paz e da Alegria, para ambas as partes.

É um trabalho eficazmente apostólico através do qual o amor de Deus se torna sensível, utilizado também por Jesus, «*Se não acreditais nas minhas palavras, acreditai ao menos nas minhas Obras*». O peso destas, é inegável!

A um rapaz casado, com filhos, a morar no Algarve, e que foi da passada Casa do Gaiato de Lisboa, paguei a limpeza da boca e a colocação de próteses no valor de oitocentos euros. Actualmente, não é possível a qualquer operário modesto tratar da saúde oral com os seus próprios ganhos.

«Que a saúde em Portugal seja tendencialmente gratuita», tornou-se um mito para enganar muitos pobres e instalar alguns ricos!

Aquela mãe de quatro filhos, a fugir da Segurança Social, com medo de lhos tirarem, paguei mais dois meses de renda de casa. A um gaiato, aflito com as finanças, dei 1.200 euros para ele não

ficar enrascado. A uma doente da vista, ofereci 1.800 euros para tratar os olhos.

Paguei, ainda, ao Tribunal, as últimas prestações de multa por conduzir sem carta, a um pobre que tentou suicidar-se.

Rendas de casa, água e luz, cortadas à irmã de um preso, o qual tinha de ter para onde ir e assim poder passar a precária fora da prisão.

Remissão de dívidas, a uma viúva afogada nos créditos fáceis, 3.600 euros.

Ajudas a vários gaiatos, alguns desempregados e com insuperáveis dificuldades, várias quantias.

Aprontamento das moradias compradas no Norte e já aqui relatadas: 6.880 euros.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □**

Notas do Tempo

• NÃO é de agora a mágoa que se apossa de mim ao passar por quiosques e outros lugares onde se expõem em exclusivo, ou quase, publicações coloridas e ilustradas com fotos de despertar sentidos, decerto com abundante consumo, portanto largos lucros, dado que novos títulos de semelhante espécie surgem constantemente. Há quem lhes chame de «revistas cor-de-rosa»; mas é tal a sua chateza, o seu vazio de qualquer valor cultural ou de raiz verdadeiramente social, que até me parece ofensa manchar com tal nome a cor tão linda.

Porém a mágoa toma outro tom ao saber da destruição por gente de enorme responsabilidade editorial, de milhares de livros de valiosíssimo conteúdo e primorosa apresentação gráfica. Um atentado ao gosto de conhecer e ao sentido estético de que um bom livro é instrumento, difícil de substituir por outros meios de que as novas tecnologias podem dispor, mas sempre empobrecedoras para o leitor que deixa de o ser ao optar por tais alternativas. Uma enormidade aquela destruição!

Quem entra na sala de estudo dos nossos Rapazes, dá com uma secretária a abarrotar de livros

escolares, esplêndidos, muitos por estrear. Desde o início do ano lectivo, aquando desta provisória *arrumação*, ando a ganhar coragem para nos desfazermos deles — e ainda lhes não vi outro destino que não seja o papel velho. Se fossem colecções de uma dúzia ou mais de livros iguais, tínhamos saída digna para eles: as nossas Casas de África aonde ainda não chegou a efemeridade da moda, também ao nível dos livros escolares. Eis a razão porque tantas vezes recusamos ofertas desta espécie quando no-las propõem.

• ESTAS mágoas crescem ao lembrar-me da inacção de dois ministérios debruçados sobre a área e que não dão, ou fingem não dar (os interesses materiais desfocam muito a visão!) por este

contraste. Educação e Cultura, muito caladinhas, deixam andar e são cúmplices destes processos de desinstruir, de deseducar, produzidos pela tal «literatura rosada» e pelas alternativas de diversão que apagam o interesse pelo livro. Aquela prospera; este definha. Lançam-se, de vez em quando, uns projectos para estimular o gosto pela leitura, falidos de eficácia desde a origem porquanto pobres de agentes verdadeiramente cultos e apaixonados por difundir cultura — eis as políticas culturais que temos.

• COMO não há-de ser com a Família — cujos interesses e direitos deviam ser servidos transversalmente a todas as políticas para sanidade da vida da Nação — se nem ministério tem?!

Por isso não tem política, pronto!

Padre Carlos

INSPIRADO no amor maternal da Igreja para com os mais frágeis e abandonados, este apelo do Padre Américo continua plenamente actual. Os tempos em que vivemos de crise social justifica-o de forma soberana. Ao tempo em que Pai Américo o proclamou logo se gerou um movimento de apostolado de cariz vicentino — *O Património dos Pobres*. A degradação habitacional em que o País se encontrava, principalmente visível nos bairros da Conchada, em Coimbra, e Miragaia, no Porto deram o mote: «O problema da casa nestes sítios, é agudo. Não há ninguém que goze o seu cantinho. Não há onde estar doente. Não há onde morrer...» Era assim um pouco por todo o País. E o problema continua actualmente e de forma especulativa. Foi da observação deste estado de coisas que nasceu o *Património dos Pobres* e continua a ser um «pulmão» activo para socorrer os casos mais necessitados nas Paróquias — Entidades Eclesiais às quais Ele está confiado.

À porta de todas as nossas Casas assomam, diariamente, pessoas apresentando situações difíceis e que geram sofrimento e depressão. Hoje, são famílias, regra geral, afectadas pelo desemprego, atingidas pela doença e pelo infortúnio. Muitas, individadas e reféns do sistema financeiro, nomeadamente dos altos juros de empréstimos bancários contraídos, quando tudo na vida parecia sorrir...

Há gente que já não tem dificuldade em «dar a cara» para expor a sua situação até mostrando alguma «arte e engenho» para atrair a comisseração de quem ouve e acolhe. Aqui, o discernimento é um acto de caridade absolutamente necessário e uma virtude de carácter ético. Ficamos com a certeza de que outros há que, por pudor ou forte sentido da dignidade humana perdida dada a precariedade do posto de trabalho — fonte de alegria e auto-estima — não aparecem. Com esses tais, é preciso tacto, descrição, sensibilidade social e comunitária e procurá-los. Trata-se de um grupo sensível e numeroso a pedir a atenção das Comunidades.

Por uma dessas situações de grande insistência resolvemos indagar. Parece-nos sempre o caminho mais indicado e sensato: Ir ver! Visitar o agregado familiar, tomar algumas notas informativas com a vizinhança, tendo em conta que nem sempre as informações são

Continua na página 4

PENSAMENTO

Pai Américo

Lindo não é O GAIATO; ele é de papel, como os outros jornais. (...) A verdade é bonita. (...) Este santo alvoroço que comove igualmente o coração de chefes de família e de donas de casa, que duns e doutros tenho recebido notícias; este santo alvoroço que também faz estremecer a fauna das vielas; este alvoroço, digo, é o fruto da verdade. Deus é a Verdade! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O MODO DE ACÇÃO SOCIAL DA IGREJA — Os meios de comunicação social deram notícia há dias dos resultados de um estudo encomendado à Universidade Católica pela Conferência Episcopal sobre a acção social da Igreja Católica em Portugal. Os resultados devem ser interpretados com cuidado porque muitas organizações não responderam ao inquérito que foi enviado pelos autores do estudo. Das que responderam, cerca de metade não dependem de qualquer financiamento público, são de âmbito paroquial e prestam serviços de resposta às necessidades mais básicas, com incidência especial nas crianças e idosos. A este tipo de resultados não será devera ser alheia uma boa participação nas respostas por parte das Conferências Vicentinas. Os autores do estudo referem que, na outra metade das organizações inquiridas, a dependência do financiamento público é muito grande e o distanciamento relativamente ao enraizamento nas comunidades cristãs aumenta.

Não há aqui modos de acção social que sejam sempre “bons” e outros que sejam sempre “maus”. Todos são precisos e, para serem como devem, do que todos mais precisam é de pessoas que se empenhem neles imbuídas do sentido da construção do Bem Comum e que não estejam lá por causa dos seus interesses pessoais ou doutros interesses como, por exemplo, serem instrumentos no jogo da política local. Quando esse sentido da construção do Bem Comum falta nas Conferências Vicentinas, elas funcionam mal. Quando isso nos Centros Sociais Paroquiais e noutras IPSSs ligadas à Igreja estas organizações funcionam mal.

Nestes modos mais “formalizados” e “equipados” da acção social da Igreja que são os Centros Sociais Paroquiais e outras IPSSs a tendência interna e as pressões externas são no sentido da sua “qualificação” e “certificação” através da melhoria das competências dos seus funcionários e do recrutamento de novos colaboradores com mais qualificações profissionais. Tudo isto é necessário, mas também é muito importante o outro tipo de qualificação que atrás referimos: as boas qualidades humanas de quem dirige e trabalha nestas organizações. Sem pessoas imbuídas do sentido da construção do Bem Comum essas organizações não serão capazes de construir esse Bem Comum, ou, como diz o Povo, sem ovos não se fazem omeletas.

Finalmente, é preciso que esta evolução no sentido da melhor “qualificação” dos colaboradores e da melhor “qualidade” dos serviços prestados seja feita sempre de modo a que nunca se perca, mas antes se renove e desenvolva, o enraizamento nas comunidades locais. Aqui as Conferências Vicentinas têm, e deverão continuar a ter, um espaço próprio e um contributo essencial a dar para que nunca se perca este modo de acção social que deve ser a marca distintiva da acção social da Igreja. Certamente elas próprias também precisam de estar atentas aos sinais dos tempos e fazer sempre um esforço para irem respondendo o melhor que puderem e souberem aos novos problemas sociais que forem surgindo, mas mantendo sempre aquilo que é o seu modo de acção por excelência, ou seja, a visita domiciliária. Se assim não for deixarão de ser verdadeiras Conferências Vicentinas

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Na *Voz Portucalense* li um artigo que me interessou bastante com o título: *A crise do pão ralado*. Se realmente neste momento o pão ralado não se vende, porque não o pôr mais barato, para as pessoas, que a padaria ou confeitaria conhece, que têm mais filhos e com poucas possibilidades. Uma confeitaria acolheu a sugestão que lhe deram: coze o pão de manhã e, ao fim do dia, vende o pão que lhe sobra às pessoas com menos possibilidades. Assim, o dono não tem necessidade de fazer pão ralado, e diz que sente uma enorme satisfação em não deixar faltar o pão às crianças, e que mesmo vendendo mais barato o seu negócio não diminuiu. Quem dera que outros seguissem este exemplo.

Damos notícia daqueles que o Senhor pôs no nosso caminho:

A mãe dos sete filhos, continua aflita com a alimentação das crianças, porque são idades em que estão a crescer e comem muito. É como ela diz: «não lhes posso dar o que eles querem e sinto muito, mesmo o pão tem de ser contado e tenho de o guardar». A Escola, graças a Deus, vai bem, continuam a ser bons alunos. O mais velho, neste momento, está doente. Esteve internado e foi operado, mas já regressou a casa. Tem pena de faltar às aulas. O pai das crianças, continua doente, mas muito trabalhador.

A mãe dos quatro filhos e duas netas, continua sem juízo. Os filhos, coitados, não têm culpa dos pais serem assim; pelo menos um deles devia ter juízo, mas infelizmente são os dois iguais. Eu, por vezes, até fico admirada com as crianças, que criadas como são, continuam bons alunos. As netas estão muito boas; lá diz o ditado: «ao menino e ao borracho, põe Deus a mão por baixo».

A mãe das gémeas, neste momento, espera a chamada para frequentar um curso. Tenho pena que esse dia esteja a demorar, pois bem precisa de construir o seu futuro.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Oliveira do Douro, António Augusto, 40 euros. M. Luísa Araújo, 25 euros. Fernando B. Carneiro, 50 euros. Judite Álvares, 50 euros. Lígia, cem euros. M. Luísa, 50 euros.

Em nome de todos os que são ajudados, muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

TRÍDUO PASCAL — Celebrámos estes dias com muita fé em Cristo crucificado e vivo, no meio de nós. O nosso Padre Carlos quis também celebrar connosco. Tivemos a visita pascal, seguida de uma boa merenda.

FESTAS — Depois da nossa colaboração na festa do Coliseu do Porto, organizada pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em que participaram também a Casa do Gaiato de Setúbal e o Calvário, precisamos de nos preparar para a nossa festa, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, a 22 de Maio, Sábado, pelas 15.00h. Nas férias escolares, tivemos um ensaio de música e dança.

INÍCIO DO 3.º PERÍODO — A 12 de Abril, começou o 3.º período deste ano lectivo para os Rapazes (13) do 1.º Ciclo, da nossa Escola,

para os que frequentam a EB 2,3 de Miranda do Corvo (7) e aqueles que frequentam várias Escolas de Coimbra (9). Há cinco pequenitos que andam num Infantário, na Vila.

AGRO-PECUÁRIA — A Primavera deste ano chegou em força, com muito Sol, calor e as primeiras flores a surgir, nos jardins, nas fruteiras e nos campos.

Com a paragem da chuva, descarolou-se (debulhou-se) o milho grão, que estava armazenado no barraco. Depois foi colocado nas respectivas caixas. Bem precisamos deste cereal, até para dar de comer às galinhas e outros animais.

Como o pomar estava carregadinho de malmequeres, foi todo fressado e agora está pronto para alguma plantação, pois é preciso tratar a horta das ervas daninhas. Deitou-se adubo, à base de azoto, nos vários campos

onde foi semeada aveia para palha. Limpou-se de algumas ervas ruins a terra nova, junto à rotunda Padre Américo, fresou-se e lavrou-se, para a sementeira (plantação) da batata. Também se fresou um lameiro, junto à rotunda, para semear milharada. Entretanto, cortou-se a relva de alguns jardins.

OBRIGAÇÕES — Os Rapazes do 1.º Ciclo, antes de começar a escola (09.30h), depois do pequeno-almoço (07.30h), durante a semana, fazem algumas obrigações, como: lavar a louça, pôr a mesa para o almoço, varrer e despejar caixotes.

PASSAREIRA — Alguns Rapazes, mais crescidos, escaparam-se ao serviço, nas férias escolares, para a passareira e a apanhar pombas, rolas e melros, com prejuízo também para estas aves... □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Os nossos Rapazes não desanimam. Dizem que são os maiores... e gostam de ouvir dizer: «*sabem jogar e jogam com paixão*». Apesar de alguns andarem distraídos, há outros que procuram estar atentos, para no final de cada jogo, poderem dizer: «*está no papo*». É a expressão mais usada por eles, já que não aspiram e não sentem, senão, o prazer de jogar a bola.

Mesmo quando as coisas não correm como nós queremos, há sempre aqueles mais combativos, que nunca baixam os braços, dão as mãos e seguem em frente até à vitória, que tantas vezes, só surge ao cair do pano... acabando assim, por vir ao de cima o valor colectivo e a satisfação destes pequenos/grandes artistas, perante a obra feita por eles, dentro e fora das quatro linhas. A única diferença, por vezes, entre alguns dos nossos Rapazes e os chamados «melhores do mundo», é que esses nasceram mais cedo, ganharam/estragam milhões — e os nossos não!

Esta semana, recebemos os Juniores do Atlético Clube Alfenense, campeões da série 3, da A.F.Porto. Segundo eles, e nós acreditamos: «*Vimos jogar à Casa do Gaiato, com enorme satisfação*». E nós, com todo o prazer os recebemos, como acontece com todos que nos visitam.

Vieram em duas carrinhas; e, a acompanhar os campeões, vários carros particulares. Toda a gente vinha feliz da vida, e nós já estávamos. Acabámos ainda mais satisfeitos, por se ter realizado mais um jogo; por se ter alcançado mais uma vitória; e, por se ter proporcionado mais uma tarde de bom futebol, praticado pelas duas equipas.

Um jogo de verdadeiros campeões! Até o Bruno, que tem sido o árbitro, parecia o famoso Colina. «*E esta heim?!*»

O Alfenense esteve a ganhar 0-2. Abílio fez 1-2; e, ainda antes do intervalo, André «Garnisé» marca e restabelece a igualdade. Nada mau! Jogar contra campeões, não é todos

dos dias, como também não é para todos!

Veio a segunda metade, e com apenas dois minutos de jogo, «Bonga» faz funcionar o placard, colocando a equipa da casa na frente do marcador: 3-2. Mas há mais! Na sequência de um canto, executado com perfeição, «Pretinho» de cabeça, faz o 4-2. Com o Alfenense sempre em alta, e aproveitando uma desatenção da nossa defesa, reduziu para 4-3. Sinceramente, comeci a ver as «coisas pretas», mas para descanso de todos nós, Lucas, a nossa última aquisição, com apenas 15 anitos, fez o 5-3. Que alívio!...

No fim do jogo, alguns dos rapazes do Alfenense, não queriam acreditar no que viam, e diziam: «*Eles jogam com amor à camisola; eles trocam a bola — e nós? Eles quase não treinam... — e nós? Estamos a brincar ou não sabemos mais?!*» Isso já não sei! O que eu sei, e o que toda agente sabe, é que sabe bem ganhar aos campeões. □

SETÚBAL

Danilo Rodrigues

O tempo que vai passando, vai deixando memórias, vai-nos deixando ansiosos para o que virá, que talvez não saibamos o que é. Só sabemos o que o passado nos trouxe, só sabemos o que estamos a viver. As inquietações, na vida, vão-nos trazendo alguma esperança para algo que, porventura, desconhecemos exactamente do que se trata. Ao contrário de Cristo, que sabia o que estava a fazer enquanto carregava a Cruz.

Aproximamo-nos então do tempo pascal, altura em que o Senhor morreu e ressuscitou, e na nossa vida, tentaremos fazer alguns sacrifícios, porque o único sacrifício que oferecemos a Deus, é Cristo.

E como estaremos nós interiormente ao sabermos que Cristo se sacrificou por nós e que, isso tudo, nos pode passar ao lado?!

A situação que Cristo trouxe ao sacrificar-se por nós foi a prova de amor que Ele conservava por nós! Mas, é claro que, com o tempo, as pessoas foram-se esquecendo desse acto. Só ficaram algumas recordações. E, agora que estamos a reviver

tudo isso novamente, não sabemos se isso mudará alguma coisa em nós.

Ainda há pouco tempo, na minha escola, deparei-me com uma situação em que teria de provar justamente o amor que guardo a Deus. Não é muito, mas é suficiente para viver ajudando os outros, o que já é algo, creio eu. Posso então, sem algum esforço, reproduzir algum diálogo:

«Danilo, mas tu, por acaso, acreditas em Deus? Percebes alguma coisa disso?», uma rapariga polaca da minha turma, lançou-me assim esta pergunta, no meio de uma conversa.

«Acredito, sim. Quer dizer, sim. Acredito, acredito. Não percebo, nem sei como amá-lo, mas gosto d'Ele. E Ele gosta de mim. Acho eu. Mas, porquê? Tu não acreditas, é?»

Ela, com arreganho:

«Mas é evidente que não! Acredito lá eu nessas coisas! Como posso acreditar numa coisa que nunca vi e que dizem que está para aí?!»

Logo eu, sereno:

«Mas tu não gostas d'Ele? Olha, acreditas no vento?»

«Acredito, claro. Quem não acre-

dita?! Mas isso, toda agente sabe que existe. Podemos senti-lo». Perfilou-se ela, convicta da sua sabedoria. Sorriando, com estatuto de quem sabia.

«Olha! Então tu acreditas no vento porque toda agente sabe que existe e porque podes senti-lo? Mas nunca o viste.»

«Hum... Sim». Semicerrava os olhos com um ar de quem não sabia onde quereria eu chegar.

«Pois... Eu, com Deus, passa-se o mesmo. Nunca o vi, é verdade. Mas acredito n'Ele porque sinto-o. Sinto que Ele está comigo e com quem também O sente. Percebes?»

«Olha, Danilo... Fica na tua que eu fico na minha, está bem? Não me venhas cá confundir!...»

Percebem o que quero dizer?

Mas será que não acreditam só porque não querem acreditar ou é mesmo porque não acreditam?

Não há fé. Se chamam fé ao facto de acreditarem até ao fim dum encontro de futebol o que é que chamarão



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

HÁ poucos meses tivemos um dos nossos Rapazes mais velhos, que concluiu ter chegado a sua hora de sair e assumir a vida por sua conta.

Embora a idade e a formação escolar que obteve, curso superior, dessem força a essa opção, achei que ainda não tinha reunidas todas as condições para tal, visto ainda não ter trabalho garantido que lhe desse o necessário sustento.

Ele tinha uma convicção: arranjar trabalho e não iria fazer como alguns dos seus colegas que viviam de subsídios.

Não sei como está a viver agora, ou se já cedeu às facilidades da mentalidade em que não queria entrar. Por vezes os valores que se aprendem e assumem, depressa se dissolvem no meio de uma massa que os contraria, por necessidade ou conveniência, sem provocarem o seu efeito.

Noutros tempos a caridadezinha criava os seus dependentes, que se transformavam em verdadeiros profissionais. Hoje, multiplicou-se grandemente o seu número, estendendo-se mesmo para além da esfera individual aos próprios Estados. Crises, dificuldades, todos podem ter e passar, especialmente quando se alteram factores fundamentais na organização da vida pessoal ou social. Mas quando há estabilidade, ainda que relativa, e as coisas vão ao fundo, será justo sobrecarregar os sensatos e prudentes para aliviar os que não cuidaram devidamente as suas necessidades e interesses?

É justo, sim, ajudar as vítimas da injustiça. É mesmo um imperativo de consciência. Mas o problema começa a equacionar-se de outra forma quando, nesta sombra, vêm abrigar-se aqueles que, podendo, não se esforçaram por pôr a render os

seus talentos e capacidades.

Todas as pessoas têm o sentido da justiça, mas nem todos estão dispostos a abdicar de um benefício pessoal que, recebendo-o, seria injusto. E se quem o dá é o Estado, então por maioria de razão morre o escrúpulo pois o bemérito não tem rosto.

Nesta pequena terra em que nos encontramos, está o túmulo de um homem que foi grande, hoje ignorado porque já não se lhe atribui valor — Egas Moniz. Será que o seu famoso gesto, ainda que talvez lendário e feito há cerca de mil anos, cujo sentido foi ensinado e cultivado no passado, não deveria ser hoje um modelo, urgentemente, a ensinar?

Aprendem os jovens muitas coisas na Escola e fora dela, mas fica tanta coisa por saber; há coisas que constroem o homem por dentro, e o elevam à sua verdadeira dimensão. □

SETÚBAL

Padre Acílio



BAPTISMOS — A Páscoa foi vivida intensamente pela maior parte dos rapazes. Não lhes faltámos nem com a Palavra de Deus nem com as celebrações litúrgicas. É a mesa abundante, franca e convidativa. Come e bebe quem quer, nas fontes inesgotáveis da Misericórdia Divina.

É preciso querer. Por isso, nem todos se aproximam.

A preparação próxima para o baptismo, fez-se, ao longo do ano, com catequese orientada para a recepção

a quem vive para Deus?! A quem nos faz acreditar?

Mas..., mas temos de ser nós a acreditar, temos de ser nós a querer ver a Luz. Nós não vemos porque temos olhos! Vemos porque existe luz! Deus é a Luz! Quem vê a Luz até ficar cego, é porque Deus está imensamente com ele.

Pois bem, este tempo de Páscoa leva-nos a relembrar a Paixão do Senhor. Leva-nos a querer reforçar o amor que temos a Cristo. É pouco ou acham que não é o suficiente, como eu?

Se olharmos para Cristo, que sabia que ia morrer, que sofreu tanto, que ainda perdoou a quem o entregou, que amou até na própria Cruz, então, os nossos olhos enxugar-se-ão porque é magnífico o que Cristo fez por nós. Espero ver o que me trará esta “nova” Ressurreição do Senhor □

deste dom espiritual e, na altura, apresentaram-se onze rapazes.

Na Vigília Pascal, eles foram figura e realidade da Páscoa Cristã. Pois, pela Força do Espírito, passaram: de velhas criaturas a Homens Novos, de filhos de Adão a filhos de Deus, de seres mortais a candidatos à eternidade.

As senhoras tiveram o cuidado de os vestir de branco e eles, o de arranjam padrinhos e madrinhas.

O padre João Luís, a acompanhar-me neste tempo, esmerou-se em preparar a liturgia com rigor, a orientar a celebração e a cantar o Precónio.

A capela encheu-se de gente naquela noite e os rapazes cantaram e tocaram com toda a alma, animando os participantes, e enchendo-os de alegre fervor.

Espero bem que os neófitos se enraizem no Verdadeiro Cristo que todos os dias, lhes prego pelo exemplo quotidiano e palavras acessíveis. Que a sua vida real seja o espelho da sua Fé e que o Baptismo não fique apenas no nível social, mas atinja o compromisso de vida, de serem, em toda a parte e sempre, luz do mundo e sal da terra. Já todos têm idade e capacidade para entender.

LATADA — Ao longo da avenida “Lions Clube de Setúbal”, dentro da nossa quinta, na saída para Algeruz, calcetada, o Padre Júlio plantou uma latada de uvas de mesa.

Fica ali muito bem, dando no verão, um verde fresco à paisagem e, em Setembro, deliciosas uvas. Mas estava muito baixa e não oferecia a beleza nem a capacidade que a originara. Aproveitámos as ripas defeituosas, de cimento, do telhado que estamos a reconstruir, e, com elas, fizemos pilares. Enterrámo-los até oferecerem segurança e alinhámo-los, ao longo da via, de um e outro lado, esticando duas idas de arame revestido, onde prendemos as varas das videiras. Tudo foi trabalho dos rapazes nas férias da Páscoa. Eles a aprenderem, a entenderem e a fazerem-se.

CAMPO — O terreno do pomar grande ficou direito, limpo, esterocado, lavrado e gradado. Vai ser campo de milho para forragem e durante três meses, oferecer-nos-á o verde brilhante e pacificador de uma seara a crescer e frutificar.

Não foi fácil arrumar tanta lenha nem limpar raízes e silvas, mas os rapazes fizeram-no neste tempo pascal.

Verão, daqui a um mês, a transformação daquela paisagem ocupada por esqueletos mortos e velhos de tristes laranjeiras, num campo a regozijar vida.

Será também uma imagem da Páscoa.

POÇO — Junto a um poço, situado no referido terreno do pomar grande, que em busca de água, noutros tempos, havíamos aprofundado com inúmeras dificuldades, abriu-se um furo com técnicas modernas, muito mais fecundo e mais prático.

Agora, o poço não estava lá, a fazer nada, se não ocupar o terreno e oferecer algum perigo.

Aproveitámos o tijolo burro que fazia o final da parede até metro e meio da sua altura, e utilizámos a profundidade para enterrar toda a espécie de lixo de obras que havia na quinta.

Hoje, a terra está nivelada e o poço desapareceu. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

De rapando

A acção da Igreja dá um testemunho vivo do seu Senhor no cuidado dos Pobres, de todos os que padecem. É um rosto seguro e credível, numa sociedade plural, laicizada e em que tantas pessoas procuram sentido para a sua vida.

A prática da Caridade há-de ser, também, promotora das capacidades, pois a preguiça é enganosa e desumanizante.

Esta é uma mazela com que nos deparamos, nomeadamente em certos adolescentes e jovens, que rejeitam hábitos de trabalho ou preferem acomodar-se, iludidos com um mundo virtual, de facilidades tecnológicas.

É preciso preparar os mais novos para a autonomia e também para a corresponsabilidade, desde cedo. Ou estarão a crescer como que *roedores*, até à adultez, recebendo de mão beijada o pão e o vestuário e as passagens escolares, sem esforço e colaboração?

Foi-se desvalorizando o trabalho manual e os ofícios. E remar contra a maré, na educação dos menores, pode ter um significado diferente, em mentes enviesadas e de gabinete. Na verdade, é libertador, na justa medida das idades e possibilidades.

Ninguém desejará que os seus filhos sejam um peso para os outros, ainda por cima quando o desemprego é crescente.

Quem se atreve a trilhar o caminho eclesial da Providência divina a par da promoção dos talentos e da partilha de bens, pode incomodar. As obras dos cristãos e de homens e mulheres de boa vontade, quando perturbam a causa pública, chegam a ser denunciadas, porque saíram da sacristia.

Nada de novo debaixo do Sol. O grande S. Basílio (Séc. IV) foi chamado a defender quem se ocupava do serviço da Caridade, rematando deste jeito: “*o que é mais lógico: persegui-lo e injuriá-lo, ou, antes, louvá-lo e incentivá-lo?*”.

Na oitava da Páscoa, numa pausa escolar, diga-se em abono da verdade que a garotada, mais pequena, foi sensível a pegar em sacolas, como quem brinca.

As chuvas persistentes permitiram a maior propagação de ervas ruins. Com enxadas, ancinhos e carrelas, acabaram por carregar um atrelado, para queimar na *terra dos grilos*. Vários Rapazitos acederam a rapar, cortando ervas daninhas. Organizaram os grupos de tarefas à sua maneira e a empreitada rendeu bem. O suor nos rostos, com o Sol a queimar, foi compensado com as merendas...

Se as chagas de Cristo, na humanidade, são portas palpáveis para encontrar, também as mãos calejadas, com conta, peso e medida, poderão desenvolver o gosto por uma boa causa. Com os ociosos não se faz a história.

Nos últimos anos, foi-se eclipsando a referência aos adolescentes, na linguagem técnica, constituindo como que uma sombra entre as crianças e os jovens. Recentemente, têm aumentado os problemas de comportamento, nesta faixa etária; e os pedidos de acolhimento institucional.

Se esta situação social vai *derrapando*, também não é alheia a doença da instituição familiar, com o enfraquecimento do compromisso conjugal. Quando as crianças e os adolescentes não crescem em ambientes sadios, diminui a coesão social.

Pena é que se tente estatizar o serviço ao Próximo. E nem sempre se promova a gratuidade e a família; que, para o Papa Bento XVI, se afirma como “*a primeira e indispensável mestra da paz*”. Este é o coração da saudação de Jesus Ressuscitado! □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquinto-Zé

Assinala-se, no próximo dia 6 de Maio, o 10.º Aniversário da morte do nosso querido e saudoso Padre Horácio. Como é sabido, esteve à frente dos destinos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo cerca de 50 anos, desde a sua ordenação, em Agosto de 1950, até ao seu falecimento. A sua ligação à nossa Casa já vinha dos seus tempos de seminarista, com Pai Américo nas colónias de férias.

São várias as gerações para os quais ele encarnou a figura paterna. É pela sua memória que muitos se congregam e juntam todos os anos em convívio na nossa Casa de Miranda, pois ele é o elo que os une a par da condição de gaiatos.

Vamos prestar-lhe homenagem por altura do 10.º aniversário do seu falecimento, para a qual convidamos todos os que estão ligados à sua memória, gaiatos ou não, associando, também, os seus conterrâneos, uma vez que o seu corpo foi enterrado no cemitério da Lentisqueira, sua terra natal.

Assim, apelamos a todos para que compareçam, no próximo dia 9 de Maio, Domingo, na homenagem ao nosso Pai Horácio, cujo programa é o seguinte: 12,00h. — Concentração na Casa da Praia de Mira.

— Almoço partilhado (em local a designar dependente das condições climáticas).

15,00h. — Celebração Eucarística na capela da Lentisqueira.

— Romagem ao cemitério da Lentisqueira com deposição de flores na campa de Pai Horácio.

É um programa simples para homenagear quem fez da simplicidade, da humildade e do bem servir os outros, o seu modo de vida. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Não podemos desanimar

A perseverança no bem é o segredo do triunfo na vida. Quem dera esta palavra encha os corações dos pais e dos filhos! Desde os mais pequeninos aos mais velhos. Assim tentamos fazer, todos os dias. A tentação do desânimo, perante os problemas ligados à educação das crianças, adolescentes e jovens, bate à nossa porta, com muita frequência. Não podemos ceder. A palavra de ordem é a fortaleza humilde de quem sabe que a vida é um serviço a quem precisa dela. Experimentamos, todos os dias, esta exigência. Corremos, dum lado para o outro, à busca de emprego para alguns dos nossos rapazes mais velhos. A simpatia do acolhimento é uma porta sempre aberta. A entrada efectiva tem, como é natural, o seu tempo de espera. Não podemos desanimar.

Uma ajuda insubstituível no serviço educativo vem dos membros mais comprometidos da comunidade. Realizámos, há dias, a eleição do chefe maior e a renovação

de alguns responsáveis. É sempre um momento de grande expectativa e de esperança renovada. Quem dera os agora eleitos respondam com fidelidade às grandes necessidades! A maior de todas é, sem dúvida, o acompanhamento dos seus irmãos com o testemunho da sua palavra e do seu exemplo. São as armas principais na batalha da educação em que estão comprometidos com a sua eleição. Os chefes, em nossa Casa, são autênticas colunas sobre as quais assenta o edifício humano. São os remadores principais do barco conduzido a bom porto. Por eles, juntamente com todos os rapazes da Casa, vive-se o Lema que caracteriza o modo de ser de cada comunidade: «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Por isso, os Chefes ocupam um lugar privilegiado ao serviço da vida de cada Casa do Gaiato. Ocupam o centro das atenções e preocupações do pai de família.

Um dos centros fulcrais de apoio à educação dos filhos da nossa Casa e de todas as famílias é, sem dúvida,

a escola. Houve, também, uma renovação de quadros humanos nesse sector vital. Tem uma direcção nova. Nasce, deste modo, uma esperança renovada de frutos abundantes e ricos de sabedoria humana. Quem dera! A perseverança e o acompanhamento constituem o segredo do êxito da missão sublime que é educativa. Dela tirarão grande proveito os filhos da nossa Casa do Gaiato e a multidão dos filhos que têm suas famílias nos bairros limítrofes. Esperamos que a tentação de qualquer desfalecimento não entre no coração dos responsáveis. Ficamos felizes com a garantia do êxito escolar que os mais pequeninos, vindos de fora, há pouco tempo, vão experimentar. Oxalá seja como esperamos! Temos insistido muito com os rapazes para que aproveitem o tempo e não venham a perder anos com reprovações ou deficiências que irão afectar o seu futuro. É um trabalho que pede perseverança. Eis o segredo do triunfo.

Porque a família está na base do êxito de qualquer projecto, em todas as vertentes de carácter social, com a educação no centro, sinto-me feliz por saber que a Igreja católica, em Angola, assumiu cuidados especiais para com a família, nos próximos dois anos. Que todo o trabalho seja fecundo! □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Que mundo o nosso!

POR vezes esta crónica só traz tristezas, parecendo que aqui não há alegrias no dia-a-dia. São muitas e até temos de procurar contê-las, quando os mais pequeninos, na refeição se vêm aninhar ao nosso colo, mas é preciso entregá-los aos seus responsáveis mais velhos, para que se habituem a comer à mesa, como os demais. Eles muitos, quase uma dúzia. Não pudemos acolher a todos, como no princípio, quando eram um ou dois de poucos dias. Aconteceu com o Lucas, o Emanuel e depois o Américo que até dormiam na cama com a Irmã e depois, maiores, no berço ao lado dela, para os atender de noite.

Os mais pequeninos são a alegria das nossas Casas. Entristeço-me, quando vejo dizer que em Portugal há cerca de novecentas crianças que ninguém quer, porque ou são de cor e rejeitadas para adopção, ou porque já passaram por todos os currículos oficiais e na adolescência não há quem as receba. Como o nosso sistema está certo! Porque entenderam judiciosamente que as Instituições Particulares são quem deve recebê-los, quando já estão estropiados e não sabem o que lhes fazer? Uma criança, difícil ou não, até aos doze anos já está moldada, mesmo que inconscientemente. Se os seus responsáveis, não mercenários, tiverem coração de pais ou mães e uma psicóloga que esteja integrada em todo o enredo familiar anterior, quando há marcas difíceis de cicatrizar, e interaja com os responsáveis, há sempre um caminho, às vezes longo, a percorrer, mas de que se não pode desistir. Que felicidade a nossa, termos uma psicóloga a quem alguns vão

pelo seu pé, saindo aqui de Casa às cinco e meia da manhã, com dinheiro contado para as viagens e uma merenda, habituando-se a dar contas na chegada.

Essa mesma Dra. Carmen, uma vez por semana, reúne com os chefes das Casas e com os Professores, na casa da cidade, onde há uma sala grande e cabem todos. Assim está em sintonia conosco, com os problemas de comportamento no nosso ambiente e no meio escolar. Assiste à Celebração de Domingo e senta-se à nossa mesa. É de uma delicadeza extrema. Rezamos por ela que teve de extrair um cancro no fémur e nestes dias, está em Espanha em exames de rotina. Ela sabe que rezamos por ela. É uma pura alegria para nós a sua ajuda.

Mas uma alegria não vem sem uma tristeza. Não é para contrastar, mas sim pelo que acontece neste Povo a quem procuramos ajudar o melhor que podemos. Os nossos guardas encontraram, de noite, cinco senhoras a apanhar espigas. São das que de dia vão à frente da máquina recolher as que estão tombadas. Retiveram-nas toda a noite à entrada da fazenda, para as apresentar de manhã. São cinco mulheres, algumas ainda novas. Duas com quatro filhos e três com seis. Nenhuma com marido. Alguns, há anos para a África do Sul, o Eldorado para africanos e europeus. Cinco mulheres, sem marido e cheias de filhos. Quantos milhões haverão assim em Moçambique! Já se sabe que pouco mais de um milhão estão abrangidos por impostos. Mas saberá alguém a quantas moçambicanas é imposto este sacrifício?

Ainda se está a celebrar o dia

da mulher moçambicana. Uma semana com um feriado no início. Não ouvi falar destas. Só foram apresentadas, nos noticiários de TV as empresárias de sucesso. Mulheres mães que assumem, sozinhas, uma carga de filhos, no crescimento para o amanhã, escravizadas ao trabalho, para os sustentarem, e mandar à escola, “heroínas sem dar conta” como dizia Pai Américo, esquecidas na loucura deste mundo de mais valias. Que mundo o nosso! □

Cada freguesia cuide dos seus pobres

Continuação da página 1

abonatórias: «porque bebem... não querem trabalhar... ou não têm cabeça...» Depois vamos conversar com o Pároco. Ficamos a saber se conhece o caso ou não... se já está a beneficiar de ajuda e de quem; se há Conferência Vicentina, Grupo Caritas ou outro. É bom saber o grau de envolvimento da Comunidade local. Quando há crianças pelo meio aumenta a sensibilidade e o apoio torna-se mais premente.

Assim, sugerimos ao Pároco uma reunião com a Conferência Vicentina e o problema passa para o Grupo certo; isto é, para as pessoas que representam na Comunidade o serviço aos mais carenciados. Pai Américo assim se refere a elas de forma normativa: «As Conferências de S. Vicente de Paulo... são o rastilho. Os seus confrades são pessoas aptas, porque conhecem e amam. Amam este problema. Amar significa Fazer... Procedendo assim, estão os confrades com a Igreja. Com o Papa». E a partir daqui começa e se deve compreender a ajuda da Obra da Rua.

Padre João

CALVÁRIO

Padre Baptista

Duas irmãs

A pedido de alguém que ouviu falar do Calvário, fui ao encontro da aflição. Ali pontifica majestoso o Alvão. A grandeza e o silêncio da serra dizem-nos quão pequenos somos no universo. O sol nasce tarde e esconde-se cedo. O horizonte é naturalmente curto.

Procurámos a pessoa que nos telefonara e com ela fomos, em descida íngreme, quase até ao Tâmega. A estrada terminou na casa que procurávamos. Esta é de granito por fora e as paredes interiores também não estão rebocadas.

Ouvimos de novo a história desta família. Os pais faleceram e deixaram seis filhos. As mais velhas têm vida própria e levaram com elas os dois irmãos mais novos. As duas restantes raparigas são, de facto, especiais, pois sofrem de oligofrenia. Precisam mesmo de amparo. Parece que nunca contactaram com a civilização. A mais velha, a um canto, enrolada, escondia o rosto. Olhou-me de lado, furtivamente. Parecia assustada.

— Está quase sempre de cama —, disseram-me

A lareira estava acesa e o fumo tudo escurecia naquele recanto da serra. Trouxemos as duas para o Calvário. Em nossa Casa começaram por comer com as mãos. Era o hábito. Queriam dormir vestidas. Era o frio daquelas paragens serranas. Passados dias já se deitavam normalmente. Já comiam com talher. Hoje, cumprimentam as colegas e sabem os seus nomes. Sorriem. Progrediram com grande rapidez.

Na vida classificamos as pessoas. Umas são ases na cultura, na ciência, na arte, no desporto. Têm talentos. Mas a quem mais tem, mais se pede. Ora, há muita gente desprovida daquela riqueza.

Estas duas criaturas receberam muito pouco. São muito limitadas. Mas o esforço que vão fazendo é igual ao daqueles que atingiram grandes voos. Merecem, pois, o nosso respeito e admiração.

Quem as ensinou tão depressa? Os outros doentes. Eles são mestres na partilha de experiências.

— Ó Odete, dá de comer à Glória. Tu és capaz.

Já andam carregadas de colares. Gosto de as ver assim adornadas. O adorno gera auto-estima. Às vezes exageram. A Isabel, essa, tem deles para a semana e deles para o Domingo e Dias Santos.

Esta vaidadezinha faz-lhes bem! □

SEMANA DE ORAÇÕES PEDINDO A DEUS PELAS VOCAÇÕES DE ESPECIAL CONSAGRAÇÃO

Padre João Luís

TODA a Humanidade é chamada a tornar-se aquilo que é: família. Assim como o homem permanece homem mesmo quando está doente; também a humanidade permanece uma família mesmo quando está doente pelos erros, divisões e abandonos.

A Semana de orações pedindo a Deus pelas vocações de especial consagração (de 18 a 25 de Abril de 2010), não é uma semana para rezarmos pelos outros. É uma semana para nos darmos conta de quanto necessitamos da Luz e da Graça de Deus (que é a Caridade) para sermos fiéis à própria vocação. Se me dou conta de quanto os meus olhos necessitam da Luz para verem, e de quanto as minhas mãos e os meus pés precisam da Força para fazerem o bem e não o mal, então estarei próximo de todos os outros homens e mulheres, mais novos e mais velhos, e pedirei a Deus para eles o que primeiro me dei conta de ter de pedir para mim mesmo.

São muitos os chamados a uma particular vocação de especial consagração: os que são chamados ao matrimónio e à paternidade/maternidade. Não encontro maior especial consagração.

Para realizarem a sua missão, todos estes pedirão a Deus que lhes dê a sua Luz e Graça, pelo bispo e pelos padres. Todos estes esposos, pais e mães, viverão o fogo da Caridade entre si e pelos seus filhos, e por todos os filhos a quem faltam pais e mães. Todos estes esposos, pais e mães, pedirão a Deus que dê à humanidade, na sua Igreja, muitos religiosos e religiosas ao serviço das famílias.

A infância que sofre no mundo inteiro é o maior sintoma das doenças da família humana. Só a Caridade — verdade, justiça, perdão e vida da Santíssima Trindade — nos pode curar.

* * *

A próxima visita do Papa Bento XVI a Portugal (de 11 a 14 de Maio de 2010) é sinal de quanto está perto de nós aquele que nos vem curar. Que todos os homens e mulheres, mais novos e mais velhos, abram os ouvidos da sua inteligência e do seu coração, bem como as mãos da sua vontade. Pela Palavra de Deus e pelos Sacramentos, a Igreja é o médico divino de família humana.

Sabedoria e Missão. Contigo caminhamos na Esperança. □